

Artigo / Article

# A importância do aprofundamento teórico-metodológico na formação docente e nas produções de materiais didáticos dialógicos no curso de Letras

*The importance of theoretical-methodological deepening in teacher training and in the production of dialogical teaching materials in the Language and Literature major*

**Rosana Silvestre de Lima** 

Universidade de São Paulo, Brasil

[rosana.lima@usp.br](mailto:rosana.lima@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0001-7752-3430>

**Larissa Vieira de Cerqueira** 

Universidade de São Paulo, Brasil

[larissa.cerqueira@usp.br](mailto:larissa.cerqueira@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0003-0474-2602>

Recebido em: 03/02/2024 | Aprovado em: 21/05/2024

## Resumo

A abordagem bakhtiniana está presente nos documentos curriculares oficiais brasileiros desde os anos 1990. No entanto, sua apropriação pedagógica tem sido orientada pela estrutura linguística em detrimento da interação social (Faraco, 2009), demandando esforços na formação do/a professor/a de língua portuguesa. Neste artigo, o objetivo é demonstrar como o aprofundamento na teoria dialógica do discurso pode contribuir para a produção de materiais didáticos, a partir de uma experiência formativa de licenciandos/as em Letras da Universidade de São Paulo em 2020. Nessa experiência, o enfoque teórico-metodológico recaiu nos conceitos de gêneros do discurso (Bakhtin, 2016 [1952-1953]) e de tema (Volóchinov, 2018 [1929]) e na produção de propostas didáticas em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (Unesco, 2017). Neste trabalho, analisamos a proposta "Gênero do discurso e produção de texto: editorial", identificando a observância das autoras a respeito dos referentes bakhtinianos: i) esfera/campo de atividade humana; ii) gênero discursivo; iii) sua relativa estabilidade; iv) plurivocalidade dos enunciados; v) totalidade temática. Os resultados indicam qualidade dialógica no material, com elementos que expressam a dinâmica social, confirmando a relevância do aprofundamento teórico e de sua aplicação prática na licenciatura.

**Palavras-chave:** Gêneros do discurso • Tema • ODS • Formação de professores • Proposta didática

## Abstract

The Bakhtinian approach has been present in Brazilian official curricular documents since the 1990s. However, its pedagogical appropriation has been guided by the linguistic structure to the detriment of social interaction (Faraco, 2009), demanding efforts in Portuguese school subject teacher training. In this article, the objective is to show how the dialogic discourse theory deepening can contribute to teaching materials production, based on Portuguese language major training experience at the University of São Paulo in 2020. In this experience, the theoretical-methodological approach includes the concepts of speech genres (Bakhtin, 2016 [1952-1953]) and theme (Volóchinov, 2018 [1929]) and on the production of didactic proposals aligned with the Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) and with the Sustainable Development Goals (SDGs) (Unesco, 2017). In this work, we analyze the proposal "Gênero do discurso e produção de texto: editorial" ["Speech genres and text production: editorial"], identifying the authors' observance of Bakhtinian discursive referents: i) sphere/field of human activity; ii) speech genre; iii) its relative stability; iv) multiple voices in statements; v) thematic totality. The results indicate dialogical quality in the material with the presence of elements that express social dynamics, confirming the relevance of theoretical deepening and its practical application in undergraduate teacher training.

**Keywords:** Speech genres • Theme • SDGs • Teacher training • Didactic proposal

## Introdução<sup>1</sup>

Nos tempos atuais, em que a escola não é a única detentora dos conhecimentos transmitidos, ensinar pressupõe muito mais que no século XX: colocar-se diante do desafio de alcançar, por meio dos conteúdos trabalhados, um significado para a vida daquele que aprende. Esse movimento pode se realizar a depender de uma tomada de posição ou de posições espaço-temporais que se dão no curso do processo educacional, sendo esse, fundamentalmente, social.

O que se ensina? Para quem? Onde? Quando? São todas indagações norteadoras de significado dentro da esfera social ao reunirem diferentes possibilidades de que sujeitos ou objetos falem e ocupem certa marca e singularidade espaço-temporal, qualificando a aprendizagem.

---

<sup>1</sup> O artigo resulta de trabalho em equipe interdisciplinar e com colaborações em diferentes níveis formativos. À época da produção da proposta didática analisada, 2020, Rosana Silvestre de Lima colaborou como monitora no curso da licenciatura, sendo também doutoranda em Geografia Humana com coorientação em Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). As licenciandas em Letras – Português e Inglês Caroline Parra e Larissa Vieira de Cerqueira, autoras da proposta didática, eram orientandas de Iniciação Científica, também pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da mesma Faculdade.

Podemos dizer que ir ao encontro da semântica torna possível nos aproximarmos dos sentidos presentes na vida de nossos/as estudantes e de todos/as que estão às voltas com a questão da linguagem. Essa contribuição pode advir da análise dialógica do discurso. O ensino dos gêneros discursivos possibilita que os estudantes atuem como sujeitos capazes de criar enunciados de maneira flexível, criativa, ética e cidadã, expressando suas posições ideológicas valorativas (Rojo, 2008).

A tentativa dessa aproximação vem sendo realizada por vias oficiais, com a abordagem bakhtiniana alcançando relevância no âmbito do ensino brasileiro, fazendo-se presente nos documentos norteadores dos currículos desde o final dos anos 1990. No entanto, isso não tem encaminhado o referencial dialógico para a prática que ocorre nas salas de aula. Um motivo para isso é que a apropriação pedagógica do conceito de gêneros do discurso, a partir dos documentos, tem sido influenciada pelo referencial formalista da linguística em detrimento de uma abordagem amparada na dinâmica social (Faraco, 2009). Essa realidade tem demandado reflexões e esforços teórico-metodológicos para reversão dessa tendência, sobretudo com foco na formação do/a professor/a de língua portuguesa.

Este artigo busca contribuir com esse debate, tendo por objetivo demonstrar parte dos resultados de uma experiência formativa com licenciandos/as em língua portuguesa do curso de Letras da Universidade de São Paulo. Para tanto, foi analisada a proposta didática “Gênero do discurso e produção de texto: editorial”, produzida no segundo semestre de 2020, cuja fundamentação foi dada pelos conceitos de gêneros do discurso (Bakhtin, 2016 [1952-1953]) e de tema (Volóchinov, 2018 [1929]) e por sua aplicação durante o exercício prático de produção de materiais didáticos, tendo em conta a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC) (Brasil, 2018) e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (doravante ODS) (Unesco, 2017)<sup>2</sup>. Buscaram-se adequações para a realidade do/a professor/a da educação básica.

O desenvolvimento da disciplina demonstrou uma preocupação formativa direcionada, cuja intenção era a de que os materiais didáticos contemplassem os gêneros discursivos em seus diferentes campos de atuação e multiletramentos; uma forma de responder às orientações da Base Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), recentemente implementada, trazendo os referenciais teóricos bakhtinianos (2010 [1979]) para a área de ensino do português.

Os/as estudantes compunham um grupo heterogêneo, contemplando futuros/as docentes e outros/as já em atividade. Todos/as trabalharam no sentido de considerar, em suas produções, os elementos composicionais do gênero discursivo, a partir da teoria bakhtiniana, discutida por meio de aulas dialogadas mediadas pela docente responsável.

---

<sup>2</sup> Para a escolha do tema os/as estudantes foram subsidiados e monitorados, tendo como ponto de partida o documento *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Objetivos de aprendizagem* (UNESCO, 2017), que se enquadra oficialmente nas diretrizes curriculares nacionais desde a publicação da BNCC (Brasil, 2018), após os ODS (ONU, 2015) tornarem-se referências junto aos objetivos de aprendizagem como parte estratégica de incentivo às metas assumidas pelo Brasil com a Agenda 2030.

Os/as estudantes foram acompanhados durante a produção dos materiais por um grupo de docentes experientes, estagiários/as e monitores/as, contemplando diferentes níveis e áreas de ensino. A equipe pautou-se por interesse interdisciplinar, o que permitiu ampla partilha de conhecimentos e de técnicas. Nesse âmbito, o conceito de tema (Volóchinov, 2018 [1929]) foi sendo tratado e incorporado pelos/as estudantes por meio de orientações direcionadas para cada projeto. Destacam-se as contribuições da monitoria para a identificação dos elementos extraverbais<sup>3</sup> ao longo da produção dos materiais didáticos junto aos temas referenciados pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (UNESCO, 2017). Acrescentou-se a essa tarefa, o desafio de orientar a produção de materiais digitais, oportunizando letramentos referentes a essa modalidade. É importante lembrar que a disciplina foi ministrada em período de isolamento social, devido à pandemia por Covid-19, e sua realização teve de adaptar-se às aulas virtuais síncronas, bibliotecas digitais e monitorias on-line - alternativas que se colocaram em relação ao ensino presencial.

O caminho teórico-metodológico percorrido junto aos/as licenciandos/as estimulou posicionamentos ideológicos diante da produção dos materiais didáticos, compondo um processo de formação diferenciada em relação a uma aprendizagem técnica. O primeiro desafio dado a eles/as foi o de selecionar o campo/esfera da atividade humana e a respectiva coletânea de enunciados/textos a serem trabalhados na proposta didática. Essa etapa exigiu a compreensão da tensão que se manifesta por meio da plurivocalidade social. Os temas dispostos no documento dos ODS (UNESCO, 2017) trazem um posicionamento oficial para o encaminhamento de práticas educativas sustentáveis, mas a possibilidade de sua realização passa também por outras instâncias sociais, o que ficou evidenciado por meio dos textos da esfera/campo escolhidos. Assim, os/as estudantes foram justificando a relevância da seleção junto aos respectivos campos de circulação e ao objetivo pedagógico desejado.

À medida em que se aprofundaram nos conceitos de conteúdo temático, estilo e construção composicional, a formação foi cumprindo o papel de ampliar as possibilidades de aplicações práticas para a produção dos materiais pedagógicos. Os resultados obtidos demonstraram níveis satisfatórios de transposição teórico-metodológica em todas as propostas didáticas, o que colocou em evidência o trabalho interdisciplinar e a equipe pedagógica atuando com contribuições em diferentes níveis de formação acadêmica.

Na proposta didática selecionada para análise, o campo/esfera “jornalístico-midiático” (Brasil, 2018) foi orientado pelo tema (Volóchinov, 2018 [1929]) do ODS de número 15: *Vida Terrestre* (UNESCO, 2017), materializado em textos de notícias e de editoriais. Podemos dizer que a escolha do editorial pelas licenciandas permitiu evidenciar as tensões político-sociais. Trata-se de um gênero discursivo em que os jornais ou revistas publicam seu posicionamento ideológico a respeito de dado tema polêmico e de grande repercussão, nesse caso, o conflito

---

<sup>3</sup> Para Volóchinov (2019 [1926]), os elementos extraverbais ou subentendidos são avaliações obtidas a partir de atos socialmente lógicos.

posto entre as metas oficiais de responsabilidade ambiental e a gestão real delas, que é materializada pela atuação executiva, por meio de políticas públicas.

Considerando aspectos gerais dentro desse contexto de produção, destacam-se os enfoques na relativa estabilidade do gênero discursivo, em sua plurivocalidade e na orientação argumentativa dos enunciados, tendo em vista que o trabalho formativo junto aos/às alunos/as da graduação buscou responder a dois problemas, sendo eles: i. a cristalização do conceito de gêneros do discurso em sua apropriação pedagógica, devido à herança estrutural e à não menção à sua relativa estabilidade; e ii. a dificuldade com as estratégias argumentativas, identificada na prática dos professores (Portela, 2016).

Em relação ao primeiro ponto, visando considerar a relativa estabilidade dos gêneros do discurso, a atitude prática adotada no processo formativo dos/as licenciandos/as foi a de motivar a seleção, na elaboração da proposta didática, de mais de um texto/enunciado de determinado gênero do discurso, a fim de ressaltar que há recorrências no estilo, na forma composicional e no conteúdo temático de um dado gênero, mas que, ao se materializar em diferentes enunciados, haverá distinções. Além disso, essa seleção possibilitou que os/as estudantes tivessem contato com as diversas vozes dos diversos veículos que escrevem em torno daquele assunto relacionado ao ODS escolhido. Já sobre o segundo aspecto, a ideia foi priorizar a escolha de gêneros discursivos argumentativos, visando desenvolver a capacidade de leitura e de produção desses textos por parte dos/das alunos/as-alvo da proposta didática.

O percurso deste artigo apresenta três seções. Na primeira, trazemos dados da realidade e discussões teóricas em torno dos dois problemas supracitados, que motivaram este texto. Na segunda, apresentamos o referencial teórico-metodológico bakhtiniano e do Círculo, ao mesmo tempo em que mostramos, por meio da análise, como ele está presente na proposta didática selecionada. Na última, trazemos nossas considerações finais a respeito dos possíveis efeitos da formação dialógica para a qualidade da produção didática e suas potencialidades de superação do modelo linguístico-estruturalista.

## 1 Uma mudança paradigmática em curso

Ao se comunicar em dado contexto histórico-social, o ser humano sempre utilizou determinados gêneros do discurso, mesmo que de forma intuitiva, sendo uma prática natural, cotidiana e intrínseca à vida (Bakhtin, 2016 [1952-1953]).

A noção de gêneros do discurso é anterior aos estudos bakhtinianos. Segundo Pistori (2019, p. 266), “a retórica é a mais antiga disciplina do mundo ocidental que se interessou pelos estudos do discurso”. Para a autora, visitar o conceito de gêneros do discurso significa recuperar a retórica aristotélica e suas definições sobre os gêneros deliberativo, judicial e epidítico (Aristóteles, 2015 [330 a. C.], 1358b). Segundo o estagirita, no primeiro, há o conselho e a dissuasão. No segundo, a acusação e a defesa. No terceiro, o elogio e a censura.

Rojo (2008) identifica relações entre os conceitos aristotélicos e as noções bakhtinianas. Segundo ela, “as ideias da *Poética* vão fornecer material aos construtos do formalismo russo, enquanto as ideias da *Retórica* aproximam-se mais da teorização bakhtiniana” (Rojo, 2008, p. 84). Ao tecer essas relações, a autora destaca, em seu texto, possíveis influências da retórica para os conceitos bakhtinianos:

[...] o Estagirita desenvolve seu tema a partir da *situação de produção dos discursos* (em especial, as *relações entre os interlocutores*) e de seus *temas* e situa os gêneros em suas *esferas de produção/circulação*: política, jurídica, científica ou escolar. Talvez, justamente porque esteja apreciando as formas de ação discursivas éticas e eficazes na *polis*. (Rojo, 2008, p. 83, grifos da autora).

Mas, é importante frisar que o caráter dialógico em Bakhtin (2010 [1979]) difere-se do princípio persuasivo da retórica aristotélica, abrindo espaço para que um interlocutor, a quem se profere o enunciado, possa concordar, discordar, aplicar, completar ou ainda preparar-se para usar o significado linguístico do que foi lhe dito por meio de uma resposta.

O entendimento acerca da teoria bakhtiniana vem sendo ampliado à medida em que as publicações diretas do russo tem se tornando acessíveis, marcando historicamente a maneira como esses referenciais teóricos vão compondo os documentos curriculares oficiais.

Entre os anos de 1952-1953, o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975) escreve o ensaio *Os gêneros do discurso*. No Ocidente, a recepção de Bakhtin e de seu Círculo ocorre somente a partir de 1970, e no Brasil, se dá por meio das obras *Problemas da poética de Dostoiévski*, em sua edição traduzida do russo ao italiano em 1968, e *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*, de Volóchinov em 1976, considerado por Brait (2020) um dos marcos epistemológicos para o surgimento do que hoje se convencionou denominar análise dialógica do discurso (Boenavides, 2022).

Bakhtin (2016 [1952-1953]) define os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados concretos. Estes, por sua vez, representam a real unidade da comunicação discursiva, afinal, “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 28). Eles são a realização da vida, e essa entra na língua por meio deles (Bakhtin, 2016 [1952-1953]).

Nessa perspectiva, não convém separar a palavra daquele/a que a pronuncia e das condições espaço-temporais em que o faz. Vistos dessa maneira, os enunciados materializam as necessidades dos sujeitos de dado campo da atividade humana por meio de seu conteúdo temático, estilo e construção composicional, sendo esses três elementos indissociáveis. O conteúdo temático trata dos objetos que são recorrentemente abordados em determinado gênero do discurso, já o estilo é constituído pelas seleções lexicais, fraseológicas e gramaticais da língua, além de ser identificado na própria construção composicional, que diz respeito à organização/estrutura do texto (Bakhtin, 2016 [1952-1953]).

Vale ressaltar que tema (Volóchinov, 2018 [1929]) e conteúdo temático (Bakhtin, 2016 [1952-1953]) são conceitos distintos. O primeiro, tema, diz respeito ao enunciado e, dessa forma, é singular e irrepitível. Trata-se de um conjunto formado entre a estrutura linguística e a significação, interpretadas no enunciado concreto, situado em determinado espaço-tempo. O segundo, conteúdo temático, por sua vez, diz respeito ao gênero do discurso e, dessa forma, é relativamente estável. Trata-se das recorrências de determinados tipos de acontecimentos ou objetos sobre os quais determinado gênero do discurso costuma versar.

Na proposta didática a ser analisada, o conteúdo temático do gênero editorial é trabalhado quanto à relativa estabilidade encontrada em características mais abrangentes, como seu caráter argumentativo e sua natureza advinda de fatos e notícias polêmicas. Já o tema é trabalhado explorando os posicionamentos defendidos pelos sujeitos-instituições autores dos enunciados da coletânea, frente ao debate ambiental.

Convém esclarecer que os conceitos de Bakhtin e o Círculo — principalmente, o de gêneros do discurso —, depois de sua recepção, tornaram-se referência para a educação desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCNs) (Brasil, 1997, 1998) até a proposta apresentada pela Base Nacional Comum Curricular/BNCC (Brasil, 2018).

De acordo com Brait (2000), as orientações para o ensino de língua portuguesa presentes nos PCNs (1997, 1998) trazem, em várias passagens, a questão dos gêneros derivada da concepção de linguagem e língua. De tal forma, as influências da teoria bakhtiniana se mostram presentes no documento pela explicitação de conceitos, a exemplo do trecho em que se argumenta como “o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, da posição social e hierárquica [...]” (Brasil, 1997, p. 22). Nesse ponto, identificamos que o documento se aproxima do conceito de alteridade, no qual, o interlocutor, o outro a quem se dirige o enunciado, é uma das questões fundantes bakhtinianas.

Na mesma direção dos PCNs (1997, 1998), a BNCC (2018) busca os conceitos em torno dos gêneros do discurso como basilares. Em sua primeira parte, destinada à Língua Portuguesa, encontramos a seguinte passagem:

Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos [...] (Brasil, 2018, p. 67).

Nesse excerto, podemos constatar que a BNCC procura dar continuidade à proposta dos PCNs, tomando o mesmo movimento de considerar que o ensino de língua portuguesa tem como centralidade o texto, que é a materialização de dado gênero do discurso, situado em determinada esfera. A inovação gira em torno do desenvolvimento das tecnologias digitais, que faz com que surjam novas formas de comunicação e novos gêneros discursivos.

Barbosa e Rojo (2019), que atuaram na redação do componente curricular de língua portuguesa da BNCC, indicam onde encontrar a definição do que entendem por campo/esfera: “na formulação do verbete Esferas ou campos de atividade humana do Glossário do CEALE, Rojo vai articular as esferas de atividades, as práticas sociais e os gêneros do discurso, articulação a partir da qual as habilidades definidas [pela BNCC] devem ser compreendidas” (Rojo; Barbosa, 2019, p. 275). Ao visitar o verbete, encontramos o seguinte trecho:

Max Weber vai distinguir esferas de atividade/ação/atuação humana e esferas de valores. Para Weber, a sociedade é formada por “indivíduos” e “esferas” bem nítidas; existem os indivíduos e as estruturas sociais criadas pelos indivíduos em interação social (esferas). Weber trata as esferas de atuação humana como esferas de valor (isto é, regidas por diferentes éticas). O que são essas “esferas”? São os campos das atividades humanas centrais que organizam as ações humanas em sociedade, por meio dos discursos e práticas. Mikhail Bakhtin, em “Os gêneros do discurso”, cita alguns exemplos de comunicação cultural mais complexa: comunicação artística, científica, sociopolítica. Nessa mesma obra, o autor relaciona determinadas condições e funções sociais (científica, técnica, jornalística, oficial, cotidiana), específicas de cada esfera, com a origem e o desenvolvimento de certos gêneros (Rojo, 2014, p. 108-109).

O excerto explicita o caráter social, dado por Bakhtin, às esferas de atuação humana. A partir dele, identificamos que a abordagem dos conceitos de campo/esfera presentes na BNCC tem como base as definições do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, mas, também, as noções do sociólogo alemão Max Weber, as quais não aprofundamos aqui<sup>4</sup>.

Ainda que esses documentos oficiais, tratados acima, tenham inovado ao defenderem o ensino de língua portuguesa por meio do texto e dos gêneros do discurso, isso não tem sido suficiente para a compreensão e devida apropriação pedagógica da abordagem bakhtiniana. É importante considerar que a análise dialógica do discurso tem repercussão no Ocidente há cerca de 50 anos, fazendo frente a uma tradição linguística formalista/estruturalista que é secular e que integra os preceitos filosóficos baseados na disciplinaridade e na divisão do conhecimento, presentes até os dias de hoje nos modelos de formação docente.

A tradição formalista, ainda muito presente nas salas de aula de língua portuguesa, é autoritária, pois considera a linguagem e, conseqüentemente, os textos, como modelos a serem seguidos pelos/as estudantes. O ensino dos gêneros discursivos pode possibilitar, por outro lado, que os/as estudantes como sujeitos produzam enunciados de maneira flexível, criativa, ética, cidadã, se posicionando ideológica e valorativamente (Rojo, 2008).

Apesar dos esforços empreendidos na produção de documentos curriculares norteadores para o ensino dos gêneros discursivos, a apropriação desse conceito encontra grandes desafios. De acordo com Faraco (2009, p. 122), houve uma cristalização do conceito de gêneros do

---

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que, na análise da proposta didática presente neste artigo, não utilizamos autores para além de Bakhtin e o Círculo, uma vez que nosso objetivo foi demonstrar como o aprofundamento na teoria dialógica do discurso pode contribuir para a produção de materiais didáticos e para a formação de licenciandos/as em Letras.



discurso em sua transposição pedagógica, cujas raízes estão na tradição formalista/estruturalista.

[...] talvez a apropriação pedagógica da noção de gênero do discurso de Bakhtin tivesse sido mais enriquecedora do que cristalizadora, se suas reflexões tivessem sido entendidas pelo seu caráter inerentemente dinâmico e não tivesse se resumido a submetê-las a uma leitura apenas formal dos gêneros (Faraco, 2009, p. 133).

Para explicar sua crítica, Faraco (2009) retoma a teoria bakhtiniana a respeito do vínculo essencial entre a linguagem e a esfera de atividade humana. O conceito bakhtiniano de gêneros do discurso orienta a análise de diferentes eixos das práticas de linguagem – oralidade, leitura/escuta, produção escrita/multissemiótica e análise linguístico-semiótica – a partir das esferas de produção, circulação e recepção.

Para reforçar esses aspectos dinâmicos e singulares dos gêneros do discurso, Faraco (2009) explica:

Ao dizer que os tipos são relativamente estáveis, Bakhtin está dando relevo, de um lado, à historicidade dos gêneros; e, de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras. Dar relevo à historicidade significa chamar a atenção para o fato de os tipos não serem definidos de uma vez para sempre. Eles não são apenas agregados de propriedades sincrônicas fixas, mas comportam contínuas transformações, são maleáveis e plásticos, precisamente porque as atividades humanas são dinâmicas, e estão em contínua mutação (Faraco, 2009, p. 127).

De acordo com Bakhtin (2016 [1952-1953]), o nosso enunciado é pleno das palavras dos outros, e essas trazem consigo a expressão e o tom que assimilamos, reelaboramos, reacentuamos. A crítica de Faraco (2009) recai sobre a esfera pedagógica quando a apropriação do conceito bakhtiniano de gêneros do discurso o reelabora e o reacentua de modo a focar seus aspectos formais, como se fossem eternamente estáveis, deixando escapar sua dinamicidade social, daí a importância em se considerar os campos/esfera de circulação.

Os campos têm determinadas funções (como a jornalístico-midiática) e condições de comunicação, que geram os gêneros. De acordo com Bakhtin,

Em cada campo, existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de cada campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 18).

A transposição pedagógica do conceito de gêneros do discurso com heranças estruturalistas, conforme exposto por Faraco (2009), junto a problemas de aprendizagem (Portela, 2016), responde a dificuldades dos/as alunos/as do ensino básico, na leitura e na produção de textos, principalmente, argumentativos.

Nossas constatações sobre a competência textual/discursiva de nossos alunos, em especial em relação ao discurso argumentativo, partem do dia-a-dia na sala de aula, que nos conduz a concluir que ações que demandam raciocínio lógico, como por exemplo, identificar as relações de causa e consequência expressas pelos argumentos; sustentar, refutar ou negociar ideias; compreender, interpretar e expressar conceitos, fatos, opiniões e valores que corroboram ou não uma tese; impõem, visivelmente, dificuldades consideráveis para os estudantes (Portela, 2016, p. 12).

Tendo em vista as dificuldades de superação do modelo estruturalista e as constatações da prática pedagógica em face das dificuldades dos estudantes, se faz necessário investir no aprofundamento teórico-metodológico de base dialógica ao longo da formação docente, bem como empenhar esforços práticos para que as apropriações didáticas possam responder às demandas voltadas ao ensino da leitura e da produção de texto, principalmente, argumentativo.

## **2 O editorial na esfera jornalístico-midiática: uma proposta didática em análise bakhtiniana**

A proposta didática que analisamos, “Gênero do discurso e produção de texto: editorial” foi idealizada pelas autoras Caroline Parra e Larissa de Vieira Cerqueira para o trabalho com os eixos de leitura e de produção de texto a partir do campo/esfera jornalístico-midiático/a.

Ao longo da proposta, elas recuperaram as esferas de circulação e de recepção dos textos pertencentes ao gênero editorial, ao mesmo tempo em que exploraram a forma composicional, o estilo, o tema e o conteúdo temático. Esses conceitos específicos da teoria bakhtiniana e do Círculo, que trouxeram aprofundamento à proposta didática, serão apresentados ao mesmo tempo em que fazemos a análise, seguindo a ordem da organização pedagógica das autoras.

A proposta foi elaborada de forma análoga a um capítulo de livro didático e sua aplicação foi pensada para o final do 2º ano do ensino médio. O capítulo proposto contém a abertura seguida do caminho a percorrer, que organiza os conteúdos a serem didatizados em 5 seções: 1) Começo de conversa; 2) Sensibilizando o olhar; 3) O editorial; 4) Refletindo sobre o gênero; 5) Faça você mesmo. Esse encadeamento marca a organização pedagógica dada pelas autoras para propiciar ao/à aluno/a do ensino médio o aprendizado dos elementos que envolvem o gênero discursivo editorial.

### **2.1 Abertura: a proposta didática como enunciado concreto e seu tema**

Ao tratar das formas do enunciado, Volóchinov (2018 [1929], p. 194) afirma que elas “[...] podem ser sentidas e compreendidas apenas em comparação com outros enunciados inteiros na unidade de uma esfera ideológica”. Nesse ponto, o autor reitera as diretrizes teórico-metodológicas de preservação da plurivocalidade (dialogia) e sua observação integral no meio em que se insere. Isso nos permite recorrer a uma coerência teórica do Círculo, entre

Volóchinov (2018 [1929]) e Bakhtin (2017 [1924]), que alcança as dimensões estética e ética desenvolvidas no ato discursivo por meio da singularidade e da valoração advindas de quem fala.

Volóchinov (2018 [1929]) também explora como a dimensão histórica participa da produção dos enunciados, dando-lhes uma base concreta de ordem superior. Assim, para além da fala, enquanto produção de um dado sujeito, o autor busca pelas imbricações entre os enunciados e o espaço-tempo em que esses se inserem.

Nesse ponto, a articulação teórica com o material produzido pelas licenciandas está expressa na abertura da proposta didática. Nela, as autoras utilizaram a fotografia de uma onça pintada, posicionada ao centro, tendo ao seu redor as marcas de destruição do Pantanal brasileiro, em razão das queimadas ocorridas no segundo semestre de 2020. A fotografia de Lalo de Almeida foi capa do Jornal *Folha de S. Paulo* do dia 15 de setembro de 2020. Nessa parte do material, elas trouxeram a contextualização da fotografia, sobre quem a produziu e a publicou; o bioma e a importância de sua preservação e recuperação; e a sua intencionalidade junto ao/à aprendente: a construção de um percurso argumentativo tomando como referência os elementos que marcam o texto editorial e o debate ambiental (Figura 1).

**Figura 1.** Abertura da Proposta Didática

UNIDADE 8

CAPÍTULO 23

Gênero do discurso e produção de texto

# Editorial

**INCÊNDIO NO PANTANAL AMEAÇA EXPERIÊNCIA DE CONSERVAÇÃO DE ONÇAS VIA TURISMO**  
Onça-pintada descansa em área queimada às margens do rio Três Irmãos, perto de Porto Jofre, em Mato Grosso; fogo já consumiu 62% de parque estadual onde felino é observado [Ambiente 85](#)

A foto mostra um dos maiores desastres ambientais que o país já viveu: as grandes queimadas do Pantanal. Elas mereceram a capa do jornal Folha de S. Paulo do dia 15/09/2020 e também um editorial, que veremos nesse capítulo.

A fotografia é tirada a partir do olhar do fotógrafo Lalo de Almeida, da Folha de S. Paulo. Ele enquadra, no centro, a onça-pintada, que representa uma vida tendo que lidar com o desastre e as tantas vidas dos animais perdidas. A onça-pintada também é um símbolo nacional assim como o Pantanal, que têm importância grandiosa para compor a nossa biodiversidade. Convidamos você a explorar essa e outras questões ambientais no universo do editorial. O foco é construir, a partir do editorial, um percurso argumentativo e te dar voz para atuar com o seu ponto de vista sobre essas causas ambientais.

160

**Fonte:** Parra e Cerqueira (2020, p. 160).

## LINHA D'ÁGUA

Todo conteúdo da *Linha D'Água* está sob Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0.

Podemos notar que o tema da proposta didática em torno da questão ambiental no campo jornalístico-midiático fica explicitado ao/à possível estudante interlocutor/a, bem como o objetivo de estudo da proposta, que é o editorial, buscando desde esse início apresentar as várias vozes presentes no debate, a do fotógrafo, a do jornal e a das autoras, que situam o tema da vida terrestre a partir da imagem da onça-pintada, como símbolo da biodiversidade ameaçada. Ao mesmo tempo, elas convidam os/as estudantes a colocarem sua voz na trajetória de estudo do capítulo.

Para Volóchinov (2018 [1929]), uma totalidade, também entendida como tema, contempla, dentro do enunciado, marcas extraverbais, pertencentes à unidade ideológica (ou, esfera de circulação, como no caso que analisamos).

Saber identificar essas marcas em um enunciado, permite ao/à leitor/a, uma compreensão em nível superior, que ultrapassa a semântica, alcançando o sentido das relações humanas na vida social e histórica. Essa compreensão pode ser facilitada pela intercalação de vários enunciados, ampliando as condições para uma visão crítica, compondo uma proposição necessária ao trabalho pedagógico.

Quando a proposta didática foi desenvolvida em 2020, as questões ambientais urgiam quanto aos incêndios na Amazônia e no Pantanal. O aproveitamento desse debate social pode ser identificado a partir da escolha da coletânea (Quadro 1), para a qual foram selecionados textos anteriores (4 e 5 da Quadro 1) e concomitantes (1, 2, 3, 6 e 7 do Quadro 1) a esse momento político-social, como observamos sistematizados a seguir.

**Quadro 1.** Relação dos textos utilizados ao longo da proposta didática

	<b>Gênero/Título</b>	<b>Esfera/Campo</b>	<b>Mês/Ano</b>	<b>Pontos de vista na unidade ideológica do tema</b>	<b>Página</b>
<b>1</b>	Notícia de primeira página / “Incêndio no Pantanal ameaça experiência de conservação de onças via turismo”	Jornal impresso <i>Folha de S. Paulo</i>	09/2020	Queimadas no Pantanal com uma onça-pintada sobrevivente, representando a biodiversidade local que foi morta pelo fogo	160
<b>2</b>	Fotografia / “Pantanal devastado após queimadas”	Revista impressa <i>Pesquisa FAPESP</i>	11/2020	Queimadas no Pantanal com caminho aberto pelo fogo e restos de vegetação carbonizada	161
<b>3</b>	Editorial / “Frente de devastação”	Jornal impresso <i>Folha de S. Paulo</i>	09/2020	Questão política em torno das queimadas no Pantanal, consideradas resultado do desmonte de instituições de proteção ambiental. Estabelece diálogo com a capa do jornal Folha de S. Paulo do mesmo dia.	162
<b>4</b>	Editorial / “Meio ambiente não é questão secundária”	Jornal on-line <i>O Globo</i>	10/2018	Preocupações de que o futuro governo priorizasse a agropecuária em detrimento dos cuidados ambientais	164-165

5	Editorial / “A dança dos números”	Revista <i>Scientific American Brasil</i>	06/2015	Retomada histórica das queimadas e desmatamento na Amazônia	169
6	Editorial / “Lixão a céu aberto”	Telejornal <i>Norte Notícias</i> , canal <i>TV Norte Amazonas</i> , afiliado do <i>SBT</i>	06/2020	Lixões irregulares, que prejudicam o meio ambiente	170
7	Notícia / “Governo demite chefe de monitoramento do Inpe após alta no desmatamento”	Jornal on-line <i>A tarde</i> , portal <i>UOL</i>	07/2020	Demissão de Lúbia Vinhas, coordenadora-geral de Observação da Terra do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) em relação ao recorde no desmatamento da Amazônia, que alcançou em junho de 2020 o maior valor mensal desde 2015.	171-172

**Fonte:** elaboração própria.

A coletânea, assim elaborada, representa uma rede de relações sociais composta por posicionamentos de diferentes setores quanto ao recuo do governo federal frente aos cuidados com o meio ambiente já em 2015 e os resultados desse processo em 2020 com as queimadas no Pantanal.

A coletânea contempla, sobretudo, posicionamentos contrários ao governo federal sob a liderança de Michel Temer (2016-2018) e de Jair Bolsonaro (2019-2022), no entanto, não trouxe enunciados diretos desses presidentes. Muitas das tensões somente puderam ser identificadas a partir dos elementos extraverbais, que corresponderam às políticas públicas executadas por eles em contraposição às medidas ambientais protetivas recomendadas por órgãos científicos, como o INPE, e por organizações internacionais, como a UNESCO. Também podemos destacar que o gênero editorial contemplou diferentes expressões na esfera/campo jornalístico-midiático, cobrindo produtores e leitores em diversos vários âmbitos sociais.

Recuperando a experiência formativa dos/as licenciandos/as, essa questão foi trabalhada dando atenção à relevância e atualidade dos textos selecionados para a coletânea, de forma a serem próximos do contexto sócio-histórico em que o/a aluno/a vive. Nesse caso, a proposta didática amplia a possibilidade de diálogo com estudantes do 2º ano do ensino médio, que, provavelmente, se recordarão de ter acompanhado, seja de forma on-line ou televisiva, a repercussão dos incêndios ocorridos na Amazônia e no Pantanal em 2020 na/no esfera/campo jornalístico-midiática/o.

Podemos constatar que grande parte dos textos/enunciados selecionados permite tratar de um contexto político-social vivenciado pelos alunos-alvo. Tomando por base o conceito de gêneros do discurso, a proposta didática demonstra que buscou localizar os alunos no/na campo/esfera da atividade humana, trazendo a realidade político-social que os cerca, nesse caso, por meio da leitura dos enunciados selecionados. Recuperando a experiência formativa dos/as licenciandos/as, essa questão foi trabalhada dando atenção à relevância e à atualidade dos textos

selecionados para a coletânea, de forma a serem próximos do contexto sócio-histórico em que o/a aluno/a vive. Nesse caso, a proposta didática amplia a possibilidade de diálogo com estudantes do 2º ano do ensino médio, que, provavelmente, se recordarão de ter acompanhado, seja de forma on-line ou televisiva, a repercussão dos incêndios ocorridos na Amazônia e no Pantanal em 2020 na/no esfera/campo jornalístico-midiática/o.

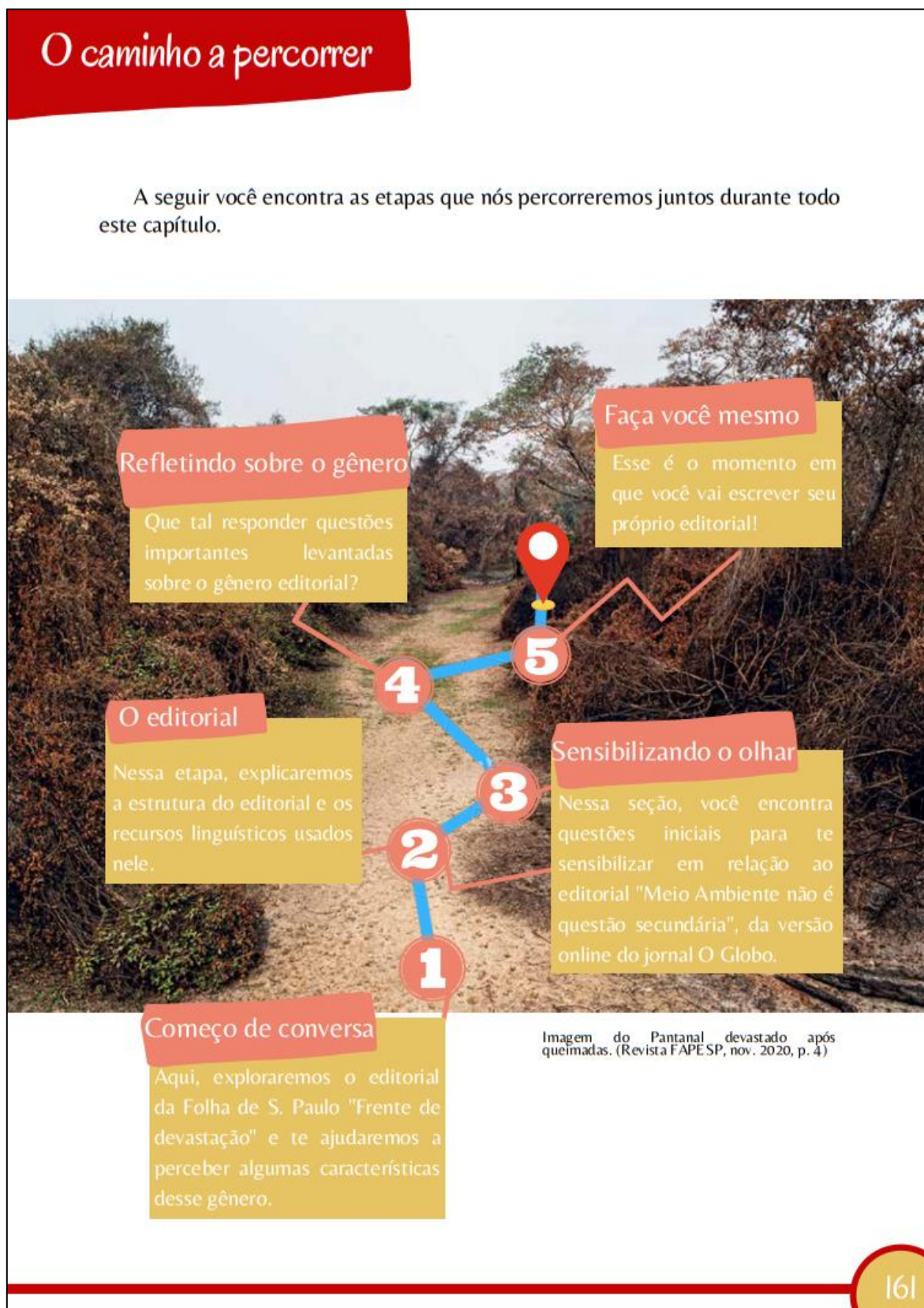
## **2.2 Caminho a percorrer: o posicionamento teórico, didático e pedagógico**

Seguindo com nossa análise, após a abertura, a proposta didática traz o “Caminho a percorrer” (Figura 2), que apresenta ao/à estudante cinco seções pelas quais será guiado/a para o aprendizado, contextualizando-o/a na posição e na proposta didático-pedagógica das autoras. O primeiro traço de posicionamento é dado pelo tema do enunciado concreto da proposta didática, trazendo as seções do capítulo a partir de uma fotografia do Pantanal, devastado após queimadas (Figura 2), o que as situa, axiologicamente, no conjunto de discursos que buscam evidenciar essas tragédias ambientais como forma de vincular a responsabilidade política por trás delas.

O posicionamento aparece também no direcionamento pedagógico, evidenciando momentos de aprofundamento sobre o gênero, que ultrapassam sua estrutura formal. Enquanto dedicam apenas uma seção para a questão formal, utilizam outras três com atividades que buscam a reflexão e o aprofundamento do gênero em sua qualidade social. Além disso, dedicam uma seção para estimular a voz do estudante, convidando-o/a para a produção escrita.

Um ponto conflitante com a teoria bahktiniana identificado em nossa análise é que, ao separar uma seção para tratar dos elementos “estruturais” do gênero editorial, as autoras reforçaram uma separação entre forma e conteúdo, contrapondo-se a outras seções, em que tratam dos elementos relativamente estáveis do editorial, como de suas permanências composicionais e sua relação com o meio de circulação. Mais à frente, discutimos como isso apareceu nas diferentes seções analisadas.

**Figura 2.** Caminho a percorrer na proposta didática



**Fonte:** Parra e Cerqueira (2020, p. 161).



## 2.3 Começo de conversa: as primeiras caracterizações do gênero editorial

Na primeira seção, “Começo de conversa”, o enunciado “Frente de devastação” (Figura 3) é seguido de um glossário e de três questões (Figura 4). Essas últimas exploram características do gênero discursivo, que o diferenciam dos gêneros textuais, refletindo a abordagem bakhtiniana, tal como mostrará a análise a seguir.

Figura 3. Apresentação do editorial “Frente de devastação”

The image shows a page from the newspaper 'FOLHA DE SÃO PAULO' with a red header that reads 'Começo de conversa'. The main article is an editorial titled 'Frente de devastação' with the subtitle 'Diante de tragédias ambientais, desmonte de Ibama e ICMBio se agrava com cortes para 2021'. The text discusses environmental devastation in the Amazon and Pantanal, and the impact of budget cuts on agencies like Ibama and ICMBio. A small inset image shows a person working in a field. At the bottom right, there is a red circular graphic with the number '162'.

Fonte: Parra e Cerqueira (2020, p. 162).

**Figura 4.** Explorando as características do gênero discursivo a partir do editorial “Frente de devastação”

**Glossário**

**autarquia** - empresa pública com autonomia administrativa, econômica e técnica.

**dotação** - verba, quantia em dinheiro para determinado fim.

**combalido** - fraco.

**flanco** - ponto vulnerável à derrota.

**imbuído** - aquele que tem certeza de algo.

**manietar** - amarrar, atar.

**ostracismo** - exclusão de cargo público ou político.

**torniquete** - amarração ao redor de ferimento para evitar perda de sangue.

**talho** - corte.

**15** VIDA TERRESTRE

Para esse capítulo, escolhemos trabalhar com um dos Objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU.

Ao todo, são 17 objetivos desenvolvidos de acordo com a Agenda 2030, que pretende alcançar esses objetivos até o ano de 2030. O propósito dos 17 objetivos é garantir uma vida sustentável, pacífica, próspera e equitativa na Terra para todos, agora e no futuro. Os objetivos abrangem desafios globais que são fundamentais para a sobrevivência da humanidade. Daremos destaque ao objetivo de número 15 “Vida Terrestre”, que diz respeito a, principalmente, proteger os ecossistemas e a geri-los de forma sustentável.

Fonte: UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: objetivos de aprendizagem. Paris: UNESCO, 2017. Disponível em: <<https://ods.invf.org/wp-content/uploads/2018/12/Recursos-ods-objetivos-aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 11/05/2021.

- 1** O editorial é um gênero argumentativo e, assim, opinativo. Qual é a opinião da Folha de S. Paulo sobre o desmonte das instituições de fiscalização e conservação ambiental (IBAMA e ICMBio)? E qual é o posicionamento do governo?
- 2** Quais argumentos a Folha de S. Paulo usa para defender sua opinião? Esses argumentos são enriquecidos com palavras fortes, como é o caso de “talho” do quarto parágrafo, por exemplo, que é uma palavra intensa para “corte”. Quais outras palavras e expressões enriquecem os argumentos da Folha?
- 3** No jornal impresso, os editoriais vêm na segunda página, logo em seguida da capa do jornal com as manchetes. Apenas excepcionalmente eles migram para a capa. Por que os editoriais vêm ao começo do jornal?

## Sensibilizando o olhar

Você viu como o impacto das ações do homem no meio ambiente podem vir das decisões políticas. Na próxima página, nós leremos um editorial do dia 25/10/2018, em que essas decisões ainda não haviam sido tomadas, eram apenas propostas de um futuro governo. Isso porque o texto foi escrito entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais de 2018, em que Jair Bolsonaro era um dos candidatos. Esse editorial pertence ao jornal O Globo, jornal de circulação nacional fundado em 1925 e pertencente ao grupo Globo, que tem grande influência no jornalismo brasileiro. O editorial está em sua modalidade online. Note, na imagem da próxima página, que há ícones de redes sociais para compartilhamento do texto e que não há assinatura de um autor específico.

163

**Fonte:** Parra e Cerqueira (2020, p. 163).

Nesta seção, as autoras trazem alguns dos elementos composicionais do editorial que mostram aspectos mais estáveis do gênero, como o caráter opinativo e argumentativo, bem como a necessidade dos veículos de priorizar sua aparição logo no início e por onde ele circula.

## LINHA D'ÁGUA

Todo conteúdo da *Linha D'Água* está sob Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0.

Quanto à unidade ideológica, essa é tratada pelas autoras tanto pela apresentação do ODS 15 (Unesco, 2017) quanto pelas questões propostas. Esse arranjo didático permitiu apresentar tensões entre as metas de responsabilidade ambiental trazidas pelo ODS e a gestão desse, por meio das políticas públicas do governo. Dessa forma, os conflitos, que são da vida, puderam constituir uma totalidade temática e uma plurivocalidade por meio dos enunciados.

A estratégia pedagógica utilizada trouxe, na primeira questão, as referências, tanto do enunciador do editorial, quanto das instituições federais citadas por ele, capazes de revelar indicadores a respeito da gestão ambiental por parte do governo. Neste ponto, a atividade reestabelece ao leitor parte da composição da rede social, presente no enunciado, que trata dos argumentos a respeito da gestão ambiental. O fato de a questão perguntar, ao/à estudante, o posicionamento do governo evoca questões extraverbiais, isto é, elementos que não estão materializadas linguisticamente no texto. Assim, o ponto de vista do governo é reconstituído por meio dos subentendidos, que podem ser, inclusive, evidenciados pelo trabalho docente.

Seguindo o percurso teórico-metodológico bakhtiniano, os gêneros do discurso estão materializados em textos/enunciados, cujo elemento expressivo está entre os que auxiliam na determinação de peculiaridades estilístico-composicionais. Trata-se da relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado. Bakhtin afirma que é impossível que haja um enunciado neutro e defende que o estilo é determinado pelo aspecto expressivo. Escolhemos as palavras a partir de nosso projeto de enunciado, que é sempre expressivo (valorativo) (Bakhtin, 2016 [1952-1953]).

Esse aspecto teórico foi explorado na proposta didática por meio da questão dois (Figura 4), trazendo o foco na entonação, buscando verificar a força colocada nos argumentos. Desse modo, as autoras chamaram atenção para a maneira como os argumentos podem ser construídos expressivamente, isto é, na relação subjetiva emocionalmente valorativa do autor do texto com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado. Esse elemento expressivo/valorativo é marcado estilisticamente pela escolha lexical trabalhada na questão proposta. A palavra “talho”, assim como “desmonte”, “flanco”, “torniquete”, “combalidos”, “desprestígio”, mostra a relação emocionalmente valorativa que expressa a *Folha de S. Paulo* pelo objeto de que trata: os problemas que atingem o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Diante desses problemas, o veículo midiático se posiciona com argumentos fortalecidos pela escolha lexical robusta, que as autoras souberam explorar em favor da atividade proposta.

As autoras buscaram apoiar o/a estudante junto ao estudo lexical para essa atividade a partir de um glossário apresentado em boxe (Figura 4), logo em seguida ao texto trabalhado e imediatamente antes da questão proposta.

Por fim, a questão três refere-se à singularidade do meio de circulação e à sua primazia pela divulgação do seu posicionamento, disponível, no veículo, logo nas primeiras páginas. Tratar o texto em sua localização de página dentro do jornal significa situá-lo em sua esfera de

circulação, característica própria ao gênero do discurso. Podemos dizer que o conceito bakhtiniano de cadeia de comunicação discursiva ajuda a entender essa abordagem.

Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 60-62) aborda a questão de que o falante nunca é o primeiro a falar sobre o objeto de seu discurso. Ele afirma que não se trata de um Adão bíblico que se relaciona com objetos virgens. O enunciado está ligado não somente aos seus antecedentes na cadeia discursiva, mas também aos que ainda estão por vir, levando em conta a atitude responsiva do outro.

Considerando esse referencial, a proposta didática discute com os/as interlocutores, a partir do segundo parágrafo que introduziu, o editorial “Frente de devastação” (Figura 3) e, na questão 3 da seção (Figura 4), a posição do editorial dentro do veículo jornalístico, demonstrando que não se trata de uma escolha casual ou contingencial.

Como tratado no segundo parágrafo do texto pedagógico, que introduz o enunciado da seção (Figura 3), a cadeia de comunicação discursiva do jornal compreende o editorial em segunda página e, excepcionalmente, na capa. Partindo do pressuposto bakhtiniano de que o enunciado está ligado aos seus antecedentes e aos seus posteriores na cadeia discursiva e que leva em conta a atitude responsiva do outro, a proposta didática chama a atenção para a localização do editorial no todo do jornal. Assim, o fato de o editorial ser lido antes do que as demais matérias do veículo leva em conta a atitude responsiva do leitor que pode passar a ler os demais enunciados influenciado pelo tom crítico transmitido pelo veículo naquela leitura primeira. A atividade proposta (Figura 4) abre espaço para que os interlocutores docentes possam conduzir esse tipo de reflexão junto aos seus estudantes.

Em contraponto ao descaso ambiental denunciado nos textos, o material pedagógico apresenta uma das metas ambientais previstas nos ODS (UNESCO, 2017), trazendo uma voz de autoridade dentro do tema, já que a proposta didática, em si, é um enunciado concreto. O destaque do canto superior direito na Figura 4 traz ao leitor uma referência legal e internacional: o ODS de número quinze (15), que trata da *Vida Terrestre*. Essa inserção permitiu ampliar a visão contextual de posição e de temporalidade da questão ambiental, escalando o limite superior de compreensão do tema para o nível global.

Os ODS (UNESCO, 2017) trazem enunciados oficiais de uma rede social que é internacional, que, por outro lado, tem implicações diretas nas diretrizes curriculares brasileiras. É importante destacar que, além de catalisar várias dimensões do debate público dentro da sociedade contemporânea, os ODS impactam a área educacional, uma vez que suas metas têm a ver com mudanças comportamentais. Daí sua força normatizadora, o que exige maior atenção para que sua inclusão nos materiais didáticos não seja apenas com função informativa, cuidado evidenciado pelas autoras.

Todos esses elementos vão sugerindo ao leitor a identificação do corpo de relações sociais, que, mesmo quase implícitas, são responsáveis pela composição da unidade ideológica.

## 2.4 Sensibilizando o olhar: aprofundando o tema e identificando os argumentos

Passando para a segunda seção da proposta didática, “Sensibilizando o olhar”, foram exploradas as mudanças nos gêneros discursivos que refletem as mudanças na vida social, inclusive, com relação às técnicas (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 20). Nesse ponto, as autoras foram apresentando uma camada quase implícita quanto à constituição da relativa estabilidade do gênero em relação às mudanças na sociedade. Esse aspecto foi abordado por meio de questões problematizadoras (Figura 5 e 6) e por uma apresentação de dados a respeito da evolução da circulação da imprensa (Figura 6).

**Figura 5.** O gênero no veículo impresso e on-line

Bolsonaro, seguindo a trilha do presidente Trump, retiraria o Brasil do Acordo de Paris. Nos EUA, onde setores industriais de peso já assumiram compromissos com o corte de emissões, a atitude de Trump tem pouco efeito concreto. No caso do Brasil, um grupo de 180 entidades se pronunciou contra a denúncia do Acordo.

Ao contrário do que possam pensar bolsonaristas e aliados, há segmentos esclarecidos importantes no complexo agropecuário, incluindo o comércio, preocupados com a preservação do meio ambiente. Esta é uma bem-vinda cultura que se alastra no mundo.

Em entrevista ao GLOBO, o cientista brasileiro Carlos Afonso Nobre, climatologista de projeção internacional, alertou que a economia globalizada se move no apoio à produção responsável de alimentos. Grandes fundos de investimento que atuam no setor de matérias-primas, por exemplo, se afastam do carvão. E tende a sofrer cada vez mais restrições a produção de alimentos em áreas desmatadas.

Mais redes de varejo, por exemplo, deixarão de adquirir produtos não certificados. Assim, a carne e a soja brasileiras tendem a enfrentar barreiras elevadas, devido ao descaso ambiental. Neste sentido, gerenciar com sensatez florestas, cursos de água etc. já está sendo uma questão crucial para preservar negócios bilionários. Em contrapartida, garantem-se alimentos para as próximas gerações. A lógica é irrefutável.

- 1 No texto, o jornal O Globo afirma que os efeitos climáticos causados pelo aquecimento global têm grande impacto na produção de alimentos (agricultura) e que esse é um dos motivos porque esse setor precisa estar atento aos cuidados com o meio ambiente. De que forma você acha que o clima pode afetar a agricultura? E como a agricultura pode afetar as mudanças climáticas?
- 2 O editorial se preocupa com o futuro tratamento que o meio ambiente receberá caso o candidato fosse eleito à presidência. O texto se refere a decisões ambientais que estão na "contra mão da História". Quais são as duas decisões a que o texto se opõe? Quais são os argumentos usados para defender que essas decisões são ruins?
- 3 O editorial do jornal O Globo que acabamos de ler está online, já o primeiro editorial que lemos nesse capítulo é impresso. Você acha que as pessoas que leem o online são as mesmas que leem o impresso? Se não, quais as diferenças entre um público e o outro?
- 4 Antigamente, quando acontecia algo relevante, as pessoas só tinham acesso à informação no dia seguinte, quando os jornais impressos eram distribuídos. Atualmente, os jornais eletrônicos conseguem publicar editoriais, notícias, artigos de opinião, etc. minutos depois dos acontecimentos. Além disso, os leitores de jornais online conseguem compartilhar as informações em redes sociais. Essas mudanças na esfera jornalística também geraram uma diminuição da circulação da versão impressa dos jornais, como você pode ver no gráfico da próxima página.

165

**Fonte:** Parra e Cerqueira (2020, p. 165).

**Figura 6.** Evolução da circulação da imprensa



Fonte: Parra e Cerqueira (2020, p. 166).

Nessas questões, o foco dado pelas autoras é o das mudanças no campo/esfera de circulação. Elas chamam atenção para o fato de que com o advento tecnológico e social da internet, há possibilidade de incorporar os enunciados de gêneros jornalístico-midiáticos, como o editorial, à modalidade on-line, além de ser possível compartilhá-los nas redes sociais. Essas mudanças na esfera de circulação geraram alterações na forma como são produzidos e lidos os enunciados do gênero editorial, tanto no grupo social de interlocutores atingidos, quanto na velocidade com que os veículos se posicionam diante de notícias que repercutem e na dinamicidade com que esses enunciados podem ser compartilhados nas redes sociais.

## **2.5 O editorial e os elementos relativamente estáveis ao gênero**

Na terceira seção, “O editorial”, o/a estudante é convidado/a a ler a respeito de características que delimitam esse gênero, ainda que de forma relativa. Elas foram organizadas em “definição”, “circulação” e “estrutura”.

Na subseção “definição” (Figura 6 e 7), as autoras apresentam características recorrentes do conteúdo temático do editorial, generalizando elementos mais globais<sup>5</sup>. Trata-se da questão opinativa/argumentativa do veículo de imprensa e da base em acontecimentos/notícias de que nasce o conteúdo desse gênero. É interessante notar que elas mencionam “acontecimentos importantes”, mas não chegam a tratar dos interesses políticos e econômicos por trás dessas notícias, que são consideradas relevantes o suficiente para que o veículo se posicione acerca delas.

---

<sup>5</sup> A abrangência com que as autoras tratam das características do conteúdo temático ao mencionar questões mais gerais, como seu caráter argumentativo e sua natureza advinda das notícias relevantes, pode estar relacionada a uma lacuna no âmbito científico. Até o momento, não localizamos pesquisas que tenham identificado a recorrência de objetos, de assuntos de que versa o gênero editorial, ou seja, seu conteúdo temático em específico.

**Figura 7.** Exposição das características do gênero editorial

O assunto do editorial é escolhido a partir de um ou mais acontecimentos importantes do momento, que geralmente estão na capa da revista, manchete do jornal ou chamada do telejornal.

Como os editoriais expressam a opinião de uma empresa ou instituição de imprensa, eles não vêm assinados pelo editorialista no jornal impresso. Nas revistas, no entanto, geralmente, os editoriais vêm assinados na seção carta do editor logo no início da revista. Da mesma forma, nos telejornais, o editorial também vem veiculado por um porta-voz.

### Circulação



Os editoriais podem circular no âmbito impresso ou digital no caso das revistas e jornais e no âmbito televisivo audiovisual no caso dos telejornais. As esferas em que esses textos circulam produzem diferentes efeitos na leitura. Vamos pensar, por exemplo, em um editorial publicado no site da instituição, como aquele do jornal O Globo que você leu na página 164. Através da plataforma digital, o leitor terá acesso também a uma grande variedade de ações e informações. Ele pode clicar em hiperlinks que levam a outros conteúdos, ler comentários de outros leitores, ver propagandas personalizadas, compartilhar o link em suas redes sociais, etc., ou seja, características que não estão presentes na versão impressa e que fazem com que a versão digital veicule as informações e opiniões com mais rapidez e que cheguem ao alcance de mais pessoas.

Os interlocutores dos editoriais são dois: os leitores (ou telespectadores) e a própria empresa midiática. Os jornais, revistas e telejornais conhecem as características de seu público e os editorialistas levam isso em conta na hora de escrever, o que determina como eles constroem a argumentação, que está voltada a como convencer seus leitores daquele ponto de vista. A empresa midiática também é interlocutora do editorialista, que escreve pontos de vista que estão alinhados àquilo que o veículo de imprensa, seus anunciantes e aliados acreditam. Dessa forma, o editorial compreende uma teia de pontos de vista ligados, muitas vezes, a questões políticas e econômicas.

### Estrutura



A estrutura dos editoriais é algo que pode variar, mas, geralmente, tem-se uma breve apresentação do assunto a ser abordado, seguida de uma tese, ou seja, uma síntese da opinião defendida, que é desdobrada em argumentos. Em seguida, vem uma conclusão que costuma ser impactante com vistas a convencer o leitor sobre o ponto de vista defendido.

Além da composição das partes do texto, na estrutura também precisamos considerar as palavras, as frases e orações mais adequadas para o objetivo do texto, que é expor o ponto de vista de um veículo midiático e argumentar para convencer o leitor. Convidamos você a ver os boxes a seguir que tratarão dessa estrutura linguística.

### Lingua

#### A norma-padrão

Os jornais, revistas e telejornais estão em um contexto formal de uso da língua. Por isso, a língua a ser usada deve estar de acordo com a norma padrão. Isso significa que é uma linguagem diferente dos contextos informais do dia-a-dia como, por exemplo, nas conversas entre amigos. Nos editoriais, as regras gramaticais precisam ser seguidas.

167

**Fonte:** Parra e Cerqueira (2020, p. 167).



Segundo Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 62), um dos traços constitutivos do enunciado é seu endereçamento ao seu destinatário. O destinatário pode ser um interlocutor direto do diálogo, pode ser uma coletividade, os contemporâneos, o chefe, uma pessoa íntima ou um outro totalmente indefinido. Essas modalidades são determinadas pelo campo da atividade humana ao qual o enunciado se refere. Desse modo, o estilo também passa a ser determinado pelo título, peso social, idade do destinatário e pela posição que o falante tem diante dele. Mesmo o estilo objetivo envolve a concepção do destinatário. A escolha dos recursos linguísticos é feita pelo falante, que o faz, também, influenciado por seu destinatário. Esse aspecto dos interlocutores do enunciado é tratado na proposta didática, tendo como referência o conceito de esfera de circulação, também previsto na BNCC (Brasil, 2018), conforme aparece no quarto parágrafo (Figura 7).

Ainda nesse parágrafo, vemos que há a didatização dos interlocutores do gênero editorial como duas coletividades distintas: i. o público do veículo midiático; ii. a própria empresa/veículo midiática/o. O encaminhamento é o de que o editor, ao escrever o enunciado, leva em conta esses dois interlocutores coletivos para escolher os recursos linguístico-argumentativos.

No gênero editorial, a esfera de circulação é composta por grandes veículos de imprensa, e é por meio desses canais que determinados assuntos políticos, econômicos e sociais vão alcançando penetração na opinião pública, dando condições de proteção ou de rechaço a possíveis tomadas de decisão. Porém, isso somente torna-se explícito quando as marcas extraverbais são conhecidas, o que encaminha o entendimento sobre os conflitos que se desenvolvem em determinado tema em debate dentro de dado enunciado.

Podemos dizer que essa sequência analítica, em que se identificam as marcas extraverbais para depois se compreenderem os conflitos, presta-se a um papel pedagógico, de grande importância dentro da proposta didática analisada, sendo apresentada antes de atividades comparativas entre os diferentes enunciados editoriais, de seus temas argumentativos e mesmo da escrita, para que se propicie o entendimento da unidade ideológica.

Na subseção “estrutura”, chamamos atenção para o uso desse título e conceito, que difere daquele presente na teoria bakhtiniana. Podemos considerar que existem elementos relativamente estáveis no gênero, o que as autoras trouxeram em diferentes seções, explorando-os didaticamente, mas eles não compõem uma estrutura fixa. Outro aspecto contrastante que aparece é a afirmação de que o gênero editorial teria como finalidade argumentar com o objetivo de convencer o leitor. Nesses dois aspectos conceituais, a proposta didática parece equivocarse quanto à apropriação teórico-metodológica bakhtiniana, aproximando-se de entendimentos muito presentes na linguística formalista, o que pode confundir o leitor/aprendente quanto ao entendimento dos gêneros do discurso.


Ainda de acordo com Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 18), o estilo é indissociável do/da campo/esfera da atividade humana. Essa indissolubilidade foi tratada também no box “Língua:

a norma padrão” (Figura 7). O boxe explica que o/a campo/esfera jornalístico-midiático/a é formal e, portanto, exige um estilo de acordo com a norma-padrão. Aliar a/o esfera/campo de circulação do texto com o estilo, isto é, com a linguagem adotada, é uma maneira de não impor a norma-padrão como a única variação linguística possível. Dessa maneira, o material abre possibilidade para que o/a docente trabalhe com uma formação “bilíngue na própria língua”, isto é, o/a estudante poderia mobilizar diferentes usos da linguagem, do padrão ao não-padrão, a depender da esfera de circulação de seu enunciado, além de ser capaz de entender que utilizar a linguagem coloquial não significa cometer um erro se a esfera de circulação for propícia para tal.

Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 22) afirma que há distanciamentos entre as noções de gramática e de estilística. De acordo com ele, se o elemento for analisado frente ao sistema da língua, trata-se de gramática. Já se for analisado em um enunciado concreto pertencente a dado gênero discursivo, se trata de estilística. O enunciado pode conter uma única oração ou uma única palavra, mas se essas unidades forem isoladas de seu aspecto de enunciado, elas terão características gramaticais e, nunca, discursivas. A oração só ganha sentido completo em seu contexto, isto é, dentro de um enunciado. A oração e a palavra só se tornam enunciado quando expressam a posição de um falante em uma situação concreta de comunicação. Por isso, o estudo da marca linguística é produtivo a partir do enunciado, que permite entender a língua em uso.

Na proposta examinada, o encaminhamento do ensino das marcas linguísticas se deu com base no texto e em suas reverberações discursivas e, não, na frase isolada ou no texto usado como pretexto, como costuma ser comum nos materiais didáticos. Ao invés de ensinar um quadro de conjunções a ser memorizado, a proposta didática seguiu pela via dos marcadores argumentativos, indicando exemplos de orações que compuseram os textos lidos, explorando o significado argumentativo do uso das mesmas e o ponto de vista do sujeito que produziu aquele enunciado no boxe “Língua: os marcadores argumentativos” (Figura 8).

Figura 8. Marcadores argumentativos



### Lingua

## Os marcadores argumentativos

A argumentação nos editoriais precisa ser cuidadosamente pensada no que diz respeito à seleção de palavras e às estruturas da oração, para que possamos encadear o raciocínio de forma clara e convincente. Para isso, podemos usar marcadores argumentativos.

Um dos tipos de marcadores argumentativos mostra como os argumentos contrários aos nossos são fracos ou incorretos, ou seja, apresenta contra-argumentos. Para isso, usamos marcadores como "mas", "embora", "ao contrário" como no editorial do O Globo em que vimos a oração:

**"Ao contrário** do que possam pensar bolsonaristas e aliados, há segmentos esclarecidos importantes no complexo agropecuário, incluindo o comércio, preocupados com a preservação do meio ambiente."

Nessa oração argumentativa, o autor se mostrou contrário ao discurso dos bolsonaristas e aliados e depois defendeu seu ponto de vista. Em outra frase do mesmo texto, além do uso do marcador "ao contrário", temos outros marcadores importantes. Vamos ler a frase abaixo?

"Já se discute o assunto, **porque, ao contrário** da escassez de informações sobre o que um governo Bolsonaro planejar fazer na economia, **por exemplo**, sobre a necessária administração responsável da convivência equilibrada entre produção agropecuária e os biomas há medidas concretas que poderão ser tomadas pelo novo Planalto. E preocupam."

O primeiro marcador que aparece é o "porque", ele tem a função de explicar uma parte do argumento construído nesse trecho "já se discute o assunto". O autor sentiu a necessidade de justificar o porquê esse assunto tem sido discutido, ou seja, qual a relevância dele estar escrevendo um editorial sobre isso. Essa estratégia argumentativa tem a função de fazer o leitor se interessar pelo texto e pelos argumentos. Ele quis dizer que o assunto já tem sido discutido, porque há medidas reais em relação à agropecuária e meio ambiente, que o autor considera preocupantes.

O outro marcador que aparece é o "por exemplo". Trazer exemplos para os argumentos é algo que os enriquece, porque concretiza, valida e aponta no mundo real as ideias defendidas. O autor cita a economia como exemplo de uma das áreas do governo Bolsonaro em que há escassez de informação.

## Refletindo sobre o gênero

Na próxima página, temos o editorial "A dança dos números", que traz um histórico importante sobre a devastação da Amazônia. Ele foi publicado na revista Scientific American Brasil em junho de 2015. Essa é uma revista conceituada de divulgação científica, que surgiu nos Estados Unidos em 1845 e depois veio para Brasil em 2002. Convidamos você a ler o editorial e responder às questões a seguir.

168

Fonte: Parra e Cerqueira (2020, p. 168).

Na figura 8, o boxe explora a relação entre o autor do editorial do jornal *O Globo* e seus leitores em dois momentos. O primeiro é o que mostra a escolha linguístico-argumentativa “ao contrário”, pela qual constatamos seu posicionamento contra o discurso dos bolsonaristas. O segundo é o do marcador “porque”, por meio do qual o autor do enunciado mostra ao seu leitor a relevância do que está sendo discutido. Nesse momento da proposta didática, podemos ver mais uma aplicação dos conceitos bakhtinianos. Segundo Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 18), o estilo é indissociável da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva, tal como os leitores, ouvintes, entre outros.

## 2.6 Refletindo sobre o gênero: o editorial e sua circulação em diferentes esferas

Na quarta seção da proposta didática, “Refletindo sobre o gênero”, são apresentados editoriais de mais dois veículos da esfera jornalístico-midiática: revista e telejornal. No início, os interlocutores são convidados a lerem o editorial “A dança dos números da Amazônia”, da revista *Scientific American Brasil* de junho de 2015. Seguidas ao texto, foram propostas três questões, que analisamos a seguir. A primeira questão pode ser consultada na Figura 9.

A proposta das autoras nessa questão é a de comparar o editorial lido anteriormente, que é parte de um jornal, com o editorial parte da revista de divulgação científica, estimulando a percepção sobre o quanto os diferentes veículos que compõem as/os esferas/campos de circulação suscitam variações na estrutura composicional do gênero, que nunca é fixa, mas relativamente estável. A diferença principal é a de que os editoriais de revistas costumam vir assinados com o nome do autor, enquanto os de jornais, não. Além disso, considerando que os jornais são diários e as revistas são mensais, há mais mudanças editoriais nessas quando comparadas àqueles, o que está sinalizado no texto do editorial lido. Por último, o editorial das revistas, por vezes, é intitulado “carta do editor”, dirigindo uma interlocução mais próxima com o leitor, como podemos ver no editorial trazido pelas autoras da proposta didática.

A questão dois (Figura 10) trabalha o ponto de vista e os operadores argumentativos do texto.

Figura 9. Relativa estabilidade do gênero



The image shows a page from the magazine 'Scientific American Brasil'. At the top right, it says 'CARTA DO EDITOR'. On the left, there is a portrait of Mauricio Tuffani, identified as the editor. The main title of the editorial is 'A dança dos números da Amazônia'. The text discusses deforestation trends, mentioning that in 1987, fires at the Mir space station noted fires in the Amazon, and that by 2012, deforestation had reached 764,061 km², which is 19.1% of the original forest area. It also notes that deforestation is not just about clearing land for agriculture but also includes selective logging and fires in partially deforested areas. The editorial concludes with a note on the importance of maintaining large areas of native vegetation to prevent climate changes and preserve genetic diversity. Below the main text, there is a section titled 'ALGUNS COLABORADORES' listing several contributors and their affiliations. At the bottom right of the page, there is a small red circle containing the number '169'.

Fonte: TUFFANI, Mauricio. Carta do editor. *Scientific American Brasil*. São Paulo: Segmento. n. 157, jun.2015, p.5

1 Nós vimos que o editorial sofre algumas mudanças a depender do veículo midiático em que circula e que há diferenças entre os jornais e revistas. Em relação a isso, vamos refletir sobre as seguintes questões:

- a) Observe a imagem no topo da página da revista ao lado. A quem ela se refere? Em relação a esse ponto, qual diferença podemos notar entre a revista e o jornal?
- b) Releia os três últimos parágrafos do texto. Eles trazem informações que não são trazidas no editorial do jornal. Que informações são essas?
- c) Diferentemente do jornal, a seção de Editorial na revista é chamada Carta do Editor. Qual a relação entre o nome da seção e as informações trazidas nos três últimos parágrafos?

Fonte: Parra e Cerqueira (2020, p. 169).

**Figura 10.** Ponto de vista e operadores argumentativos

**2** O título "A dança dos números da Amazônia" é um tanto quanto curioso e nos chama atenção. Ele está relacionado ao assunto do editorial, que é o ritmo em que a devastação da Amazônia ocorre ao longo dos anos.

a) Qual o significado da expressão "dança dos números" nesse contexto?  
 b) Qual a opinião da revista Scientific American sobre esse assunto? Que tal apontar trechos, expressões ou palavras em que isso fica mais evidente?  
 c) Ao longo do editorial, o autor vai abordando o assunto e argumentando para defender suas ideias e persuadir o leitor. Para isso, ele usa operadores argumentativos no início de cada parágrafo, que também contribuem com a coesão textual. Vamos voltar ao texto e observar os marcadores destacados. Qual é a relação que cada um deles estabelece com o parágrafo anterior?

**3** O editorial da Scientific American, por estar em uma revista de divulgação científica, é direcionado a um público que deseja se informar sobre as novas descobertas e pesquisas científicas. Dessa forma, as explicações são claras e objetivas para facilitar a compreensão do assunto. Já os editoriais de jornais, além de terem um tom mais sarcástico, não têm o objetivo de explicar um assunto ao leitor.

a) Com base nessas informações, o que podemos inferir sobre o público desses veículos (jornal e revista de divulgação científica) em relação às informações que eles precisam ter antes da leitura?  
 b) Quais conhecimentos prévios são importantes para que os leitores da Scientific American possam compreender esse editorial?  
 c) Vamos reler o editorial da Folha de S. Paulo, na página 162. Quais conhecimentos prévios são importantes para que os leitores possam compreender esse editorial? Qual dos dois editoriais exigiu mais conhecimentos prévios do leitor?

*Para aprender mais*  
**O editorial no telejornal**

Como vimos, o editorial pode aparecer não só em jornais e revistas, mas também em telejornais. Ao lado, temos a captura do editorial do telejornal Norte Notícias, que é televisionado no canal TV Norte Amazonas, afiliado do SBT. Ele foi ao ar no dia 16/06/2020 e hoje pode ser visto pelo Youtube.

Há algumas diferenças entre o editorial dos jornais, das revistas e do telejornal. Nos telejornais, temos elementos extralinguísticos (além da língua portuguesa) que são audiovisuais e incluem a entonação, as expressões faciais, a cor da roupa do porta-voz do editorial, a cor do cenário. Esses aspectos extralinguísticos contribuem para a argumentação juntamente com o aspecto linguístico (aquilo que é falado). A entonação e as expressões faciais mostram as emoções e a força que move o argumento. Como podemos observar na figura ao lado, as cores da roupa e do cenário têm o azul, reforçando a identidade visual do jornal que está veiculando sua opinião.

Convidamos você a assistir ao editorial ou ao telejornal completo a partir dos links ou códigos QR fornecidos acima e, em seguida, responder às duas questões:  
 Qual o problema ambiental abordado?  
 Qual a opinião do telejornal sobre esse problema? Como as expressões faciais do porta-voz contribuem para mostrar essa opinião?






Editorial do Telejornal

[https://www.youtube.com/watch?v=LYq4\\_HkFo\\_](https://www.youtube.com/watch?v=LYq4_HkFo_)

Telejornal completo

[https://www.youtube.com/watch?v=IT1URfl\\_J7w](https://www.youtube.com/watch?v=IT1URfl_J7w)

**Fonte:** Parra e Cerqueira (2020, p. 170).

Na terceira questão (Figura 10), as autoras abordam o interlocutor dos diferentes editoriais, permitindo aprofundar sobre como os discursos se adequam aos diversos campos da atividade humana.

Ainda na mesma seção, há um boxê intitulado “Para aprender mais: o editorial no telejornal” (Figura 10). Trata-se de mais um veículo da esfera de circulação jornalístico-midiática em que o gênero é explorado: o televisivo. Nesse caso, o foco da proposta didática recaiu sobre os aspectos composicionais do gênero relacionados à dimensão audiovisual, como tom de voz, expressão facial e gestos.

## 2.7 Faça você mesmo: a proposta de escrita

Na última seção da proposta didática, “Faça você mesmo”, as autoras escolheram por intercalar diferentes meios de divulgação do gênero com seus respectivos enunciados, trazendo, ao leitor, um repertório de posicionamentos ricos em dados técnicos, históricos e de informações recentes quanto aos fatos relacionados ao tema dos enunciados da coletânea, rerepresentando-o na sua forma concreta.

O/A estudante é convidado/a a usar o que aprendeu para produzir um texto com características linguísticas e discursivas do gênero editorial. Para tanto, nessa seção, é oferecida a leitura da notícia “Governo demite chefe de monitoramento do Inpe após alta no desmatamento”, de 13 de julho de 2020. O texto, além de enquadramento no ODS 15, *Vida terrestre*, desenvolvido ao longo do material didático, é uma notícia de repercussão nas mídias, qualidade que alimenta a produção de editoriais. Nesse sentido, o/a estudante é estimulado a escrever seu posicionamento sobre o evento noticiado de forma alinhada a um veículo de sua preferência. Dessa forma, as autoras aproximam o/a aluno/a de uma situação real de produção de editorial.

Nas instruções para a escrita do editorial, as autoras orientam a elaboração de um projeto de texto (Figura 11). Os tópicos destacados solicitam ao/à aluno/a que escreva seu texto com base em aspectos didatizados anteriormente, desde o repertório oferecido pelas leituras anteriores, passando pela questão da esfera de circulação (traduzida, na Figura 11 pela palavra “veículo”), pelo interlocutor (didatizado como “público-alvo”), até os aspectos estilísticos, como a construção argumentativa e a norma-padrão da língua. A/o esfera/campo da atividade humana, os interlocutores e o estilo são aspectos intrínsecos aos gêneros do discurso.

**Figura 11.** Proposta de produção de texto

Os dados de satélite servem de auxílio para fiscalizar onde pode estar havendo crime ambiental. A exoneração, assinada pelo ministro da Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes, foi publicada no Diário Oficial da União.

A Observação da Terra é a área do Inpe responsável, entre outras atribuições, pelo monitoramento da devastação da Amazônia, por meio do sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter).

Em conversa com a TV Globo, Lúbia afirmou que é servidora concursada do Inpe há 23 anos e, por isso, deve seguir no instituto – mesmo sem o cargo de gestão. Ela também afirmou não saber o motivo da exoneração, e disse que ficou sabendo da mudança pelo Diário Oficial da União.


Em nota divulgada pouco após a exoneração, o Greenpeace afirmou que a demissão “não surpreende” em razão de decisões anteriores tomadas pela gestão Jair Bolsonaro, mas “dá novamente a entender que o governo é inimigo da verdade”.

Na semana passada, o Inpe divulgou que junho teve o maior número de alertas de desmatamento para o mês em toda a série histórica, iniciada em 2015. No acumulado do semestre, os alertas indicam devastação em 3.069,57 km<sup>2</sup> da Amazônia, aumento de 25% em comparação ao primeiro semestre de 2019. Só em junho, a área de alerta foi de 1.034,4 km<sup>2</sup>.

Para o secretário-executivo do Observatório do Clima, Marcio Astrini, a demissão de Lúbia representa intervenção do governo no Inpe.


“Não é segredo para ninguém que o governo deseja intervir no Inpe. A demissão ruidosa de Ricardo Galvão impediu isso, mas a exoneração de Lúbia Vinhas pode ser um indicativo de que o plano nunca foi abandonado. Que isso ocorra em plena aceleração do desmatamento, quando o governo precisa conter ameaças de desinvestimento, é sinal de que Jair Bolsonaro parece estar tratando as preocupações do agronegócio e dos investidores como trata as dos brasileiros aterrorizados pelo coronavírus”, afirmou Astrini, em nota.

## PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE EDITORIAL



A notícia que você acabou de ler, assim como os editoriais que vimos no capítulo, faz a articulação entre questões políticas e dados ambientais. Que tal escrever um editorial apresentando a sua opinião sobre o seguinte tema:


- O que a atitude política das demissões do INPE representa para as questões ambientais da Amazônia?



## PROJETO

Nessa etapa você pode:

- Consultar os editoriais que estudamos ao longo do capítulo para obter informações ou dados que podem ser utilizados em seu editorial;
- Pesquisar mais informações na internet ou em uma biblioteca caso seja necessário;
- Definir o veículo em que o seu editorial seria publicado (um jornal ou revista de sua preferência, podendo ser um dos que já vimos);
- Definir quem é o seu público-alvo;
- Pensar qual é a opinião que você defenderá sobre o assunto de acordo com o veículo escolhido;
- Fazer um esboço dos argumentos que você utilizará.

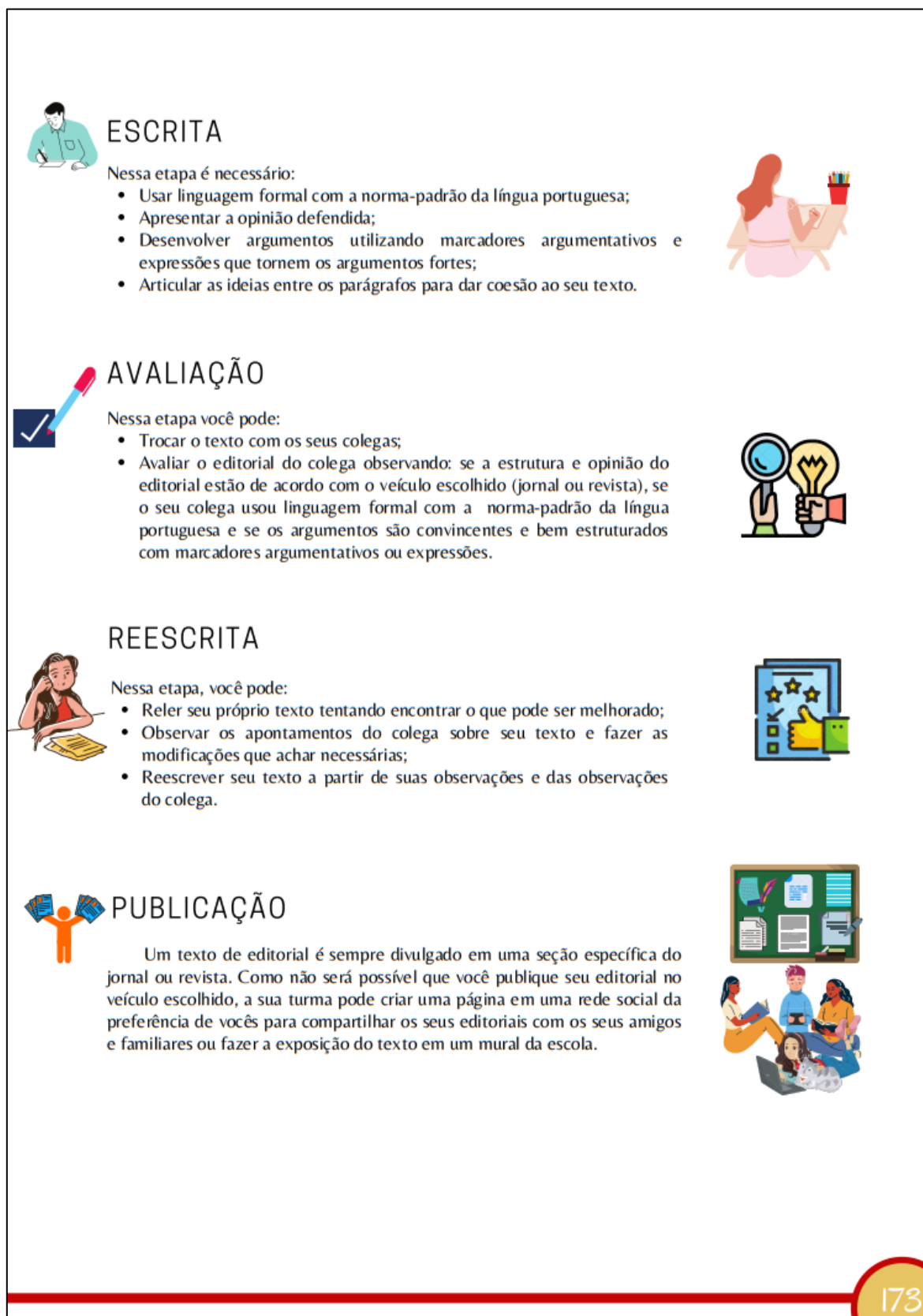



172

**Fonte:** Parra e Cerqueira (2020, p. 172).




Figura 12. Etapas da produção de texto




 **ESCRITA**

Nessa etapa é necessário:


- Usar linguagem formal com a norma-padrão da língua portuguesa;
- Apresentar a opinião defendida;
- Desenvolver argumentos utilizando marcadores argumentativos e expressões que tornem os argumentos fortes;
- Articular as ideias entre os parágrafos para dar coesão ao seu texto.




 **AVALIAÇÃO**

Nessa etapa você pode:


- Trocar o texto com os seus colegas;
- Avaliar o editorial do colega observando: se a estrutura e opinião do editorial estão de acordo com o veículo escolhido (jornal ou revista), se o seu colega usou linguagem formal com a norma-padrão da língua portuguesa e se os argumentos são convincentes e bem estruturados com marcadores argumentativos ou expressões.




 **REESCRITA**


Nessa etapa, você pode:

- Rer ler seu próprio texto tentando encontrar o que pode ser melhorado;
- Observar os apontamentos do colega sobre seu texto e fazer as modificações que achar necessárias;
- Reescrever seu texto a partir de suas observações e das observações do colega.



 **PUBLICAÇÃO**

Um texto de editorial é sempre divulgado em uma seção específica do jornal ou revista. Como não será possível que você publique seu editorial no veículo escolhido, a sua turma pode criar uma página em uma rede social da preferência de vocês para compartilhar os seus editoriais com os seus amigos e familiares ou fazer a exposição do texto em um mural da escola.



173

Fonte: Parra e Cerqueira (2020, p. 173).

Outro aspecto a ser destacado quanto às instruções de escrita do editorial é o da publicação (Figura 12). As licenciandas propõem uma ampliação do público que irá ler os textos dos/as estudantes, que, normalmente, é reduzido ao docente. Para que o interlocutor do texto a ser escrito não seja somente o professor e para que o editorial não seja somente uma tarefa escolar, a sugestão das autoras é a de que o texto seja publicado em uma página de rede social ou, caso a conectividade seja inacessível, que seja fixado em um mural, de forma que seja lido por demais colegas da escola.

Por último, diante do encaminhamento realizado na proposta didática, é relevante abordar o conceito de conclusibilidade do enunciado, iluminado pela prática das autoras. Segundo Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 35-36), a conclusibilidade ou o acabamento do enunciado é o momento em que o falante disse tudo o que gostaria de dizer e, então, termina de dizê-lo. O primeiro critério de conclusibilidade é a possibilidade de responder ao enunciado. Bakhtin menciona que essa inteireza, esse acabamento do enunciado, é determinado por três fatores: i. exauribilidade do objeto e do sentido; ii. projeto de discurso do falante; iii. formas típicas composicionais e de acabamento do gênero.

Aqui, o foco de nossa análise recai sobre o segundo fator. Trata-se do projeto de discurso ou da vontade de discurso do falante, o projeto de dizer de um autor, que inclui sua posição social e ideológica. Segundo Souza (2002, p. 95), Bakhtin considera esse um elemento subjetivo do enunciado, o que o torna uma situação de comunicação discursiva concreta, única.

Na proposta didática, o projeto de discurso das autoras mostra sua posição ideológica, que, em 2020, diante de um governo que causou fortes impactos ambientais, posiciona-se pela escolha de enunciados que tratam essa questão por um ponto de vista político, o que mostra a intencionalidade delas em colocar o/a estudante diante da realidade política, social e ambiental ao seu redor.

## Considerações finais

Ao longo da proposta didática, pudemos constatar que os gêneros do discurso são explorados em sua relativa estabilidade. Percebemos esse aspecto operando em três âmbitos: i. construção composicional, de maneira que as autoras selecionam quatro enunciados diferentes para serem exemplares do gênero editorial, permitindo o trabalho com os diversos elementos do gênero, dando ao/à estudante a oportunidade de identificar que não há uma estrutura sempre igual ou um modelo padronizado a ser seguido nesse conjunto de enunciados e que há, na verdade, formas constantes e variáveis a eles; ii. estilo, na medida em que as autoras exploram diferentes estratégias de mobilização linguística nos enunciados selecionados para a coletânea, seja pela escolha lexical, seja pelos marcadores argumentativos; iii. esfera-jornalístico midiática, em que as autoras optaram por destacar as diferentes modalidades em que o gênero se materializa: impressa, on-line e televisiva.

Já com relação ao tema, evidenciamos um tratamento importante para consolidar o entendimento dos gêneros do discurso. Os enunciados, em propostas didáticas, nem sempre se colocam unidos ao conteúdo linguístico de modo a fazer parte de seu sentido, diferentemente do que analisamos aqui. Há casos em que ele é entendido como assunto, respondendo a um papel ilustrativo ou informativo, uma vez que, as propostas didáticas do português podem utilizar textos diversos com a finalidade do ensino da língua, sem que esses, *a priori*, explorem o recorte axiológico da realidade social e histórica pertencente ao tema desses textos. De outra forma, o tema nem sempre é diferenciado do assunto e pode ser tratado como objeto de sensibilização ou de contextualização prévia a partir de filmes, vídeos e textos de apoio. Essas estratégias podem promover uma separação entre o que ocorre na vida e os conhecimentos linguísticos que se deseja ensinar.

Com uso restrito da ilustração ou da sensibilização, o assunto e o conteúdo linguístico não têm a obrigação de formarem uma unidade. Na perspectiva volochinoviana (2018 [1929]), é nesta separação que se podem produzir obras abstratas, em que o conhecimento que se ensina distancia-se da vida e pode, inclusive, afastar-se do contexto em que vive o aprendiz.

Ao trazer o destaque para o ODS quinze (15), que trata da proteção dos ecossistemas e da vida terrestre, a proposta didática se manteve na busca pela totalidade do debate ambiental, do qual participaram enunciados locais e globais de diferentes áreas de estudo. Podemos dizer que, nesse ponto, tendo como base a busca pelas marcas extraverbiais nas relações sociais, junto às tensões argumentativas dos diferentes posicionamentos (plurivocalidade), o trabalho também se direcionou para uma diminuição das fronteiras que separam as disciplinas escolares, podendo oferecer inspirações para projetos interdisciplinares.

A proposta trouxe um alto nível de cuidado com o/a aprendiz, o que pode ser confirmado com o fato de que nenhuma referência utilizada nos materiais foi colocada sem apresentação, ou seja, houve muita atenção aos posicionamentos espaço-temporais de cada elemento constituinte do tema, dando condições globais para o posicionamento do/a interlocutor/a. Acrescentou-se a essa tarefa, o desafio de discutir a produção de materiais digitais e de oportunizar diferentes letramentos.

Quanto à apropriação conceitual e teórico-metodológica, identificamos algumas divergências. Embora a proposta didática tenha se amparado na teoria dialógica, o conceito de “estrutura” foi utilizado no material produzido para tratar de elementos mais estáveis que se apresentam no gênero editorial, podendo induzir ao/a aprendiz a respeito de uma organização fixa. Essa questão poderia ter sido mais bem trabalhada a partir da ideia de relativa estabilidade e, não, de estrutura.

Por fim, acrescentamos que a análise do material didático reflete o processo formativo das licenciandas ao realizarem articulações criativas para trazer coesão teórico-metodológica entre tema, diretrizes curriculares e enunciados localizados na realidade, atuando com originalidade. Além disso, a atividade prática de produção de material didático proposta no

curso permitiu-lhes a experiência do posicionamento enquanto estudantes-docentes-autoras mediante práticas tradicionais de ensino. O trabalho desenvolvido por elas é uma alternativa potencial em relação às apropriações didáticas do conceito bakhtiniano de gêneros do discurso que mantêm modelos padronizados para a produção de textos, aproximando-se de um ensino estruturalista e distanciando-se da linguagem como um fenômeno dinâmico, plurivocal, inerentemente axiológico e socialmente situado nos diversos âmbitos da vida humana.

Esperamos que as análises apresentadas neste artigo possam enriquecer a reflexão do trabalho docente de português e de áreas afins quanto ao direcionamento de um ensino dialógico que seja significativo para o/a aprendiz.

## Agradecimentos

Larissa Vieira de Cerqueira agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento de pesquisa de mestrado (nº do processo: 88887.798978/2022-00).

Rosana Silvestre de Lima agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento de pesquisa de doutorado (nº do processo: 141685/2024-7).

## Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015[330 a. C].

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Paulo Bezerra (Introdução e Tradução do russo); Prefácio à edição francesa: Tzvetan Todorov. São Paulo: Editora VMW Martins Fontes, 2010 [1979], p. 261-306.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, Tradução, Posfácio e Notas Paulo Bezerra; Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017 [1924].

BARBOSA, J. P.; ROJO, R. Campos de atuação, letramentos e gêneros na BNCC. In: NASCIMENTO, E. L.; CRISTOVÃO, V. L. L.; LOUSADA, E. (Orgs.). *Gêneros de Texto/Discurso*: Novas práticas e desafios. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 271-299.

BOENAVIDES, D. L. P. Publicação e recepção das obras do Círculo de Bakhtin no Brasil: a consolidação da análise dialógica do discurso. *Bakhtiniana: revista de estudos do discurso*, v. 17, n. 4, p. 104-131, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-4573p56378>.

BRAIT, B. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R. (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. 1ed. São Paulo/Campinas: EDUC/Mercado Aberto, 2000, v. 1, p. 13-23.

## LINHA D'ÁGUA

BRAIT, B. Perspectiva dialógica: um percurso brasileiro. In: BAGNO, M.; VIEIRA, F. E. (Orgs.). *História das línguas, história da linguística: homenagem a Carlos Alberto Faraco*. São Paulo: Parábola, 2020, p. 41-60.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Brasília, DF, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 11 jan. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em 6 out. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 6 out. 2023.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ONU. Organização das Nações Unidas. *Transformando nosso mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), última edição em 13 out. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

PARRA, C.; CERQUEIRA, L. V. de. *Gênero do discurso e produção de texto: editorial. Proposta didática (Licenciatura em Letras - Português) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1g-DJauuKRwkwKtYymCeozGiQR9fOs9zk/view?usp=sharing>. Acesso em: 12 jan. 2024.

PISTORI, M. H. C. Retórica, argumentação e análise dialógica do discurso. *Alfa: Revista de Linguística* (São José do Rio Preto), v. 63, p. 265-293, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1909-2>.

PORTELA, D. C. S. *A construção discursiva da argumentação em sala de aula: uma proposta de jogo digital como ferramenta de ensino-aprendizagem*. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Letramentos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://profletras.letras.ufmg.br/arquivos/TCFDaniela.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

ROJO, R. Esferas ou campos de atividade humana - Verbete. In: FRADE, I. C. A. S.; COSTA-VAL, M. G.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: CEALE/FaE, 2014, p. 108-109. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/esferas-ou-campos-de-atividade-humana>. Acesso em: 16 jun. 2024.

ROJO, R. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium? In: SIGNORINI, I. (Org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 73-108.

SOUZA, G. T. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: objetivos de aprendizagem*. Paris, UNESCO, 2017. Disponível em: <https://ods.imvf.org/wp-content/uploads/2018/12/Recursos-ods-objetivos-aprendizagem.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2018 [1929].

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926). In: *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1926], p. 109-146.

## LINHA D'ÁGUA